

A redacção do "Tempo"  
Capital Federal



# TENTAMEN

JORNAL SCIENTIFICO, LITTERARIO E CRITICO  
Publicação quinzenal

*C'est une tentative.... Rien de plus.*  
V. Hugo.



ANNO 1

Fortaleza—20 de Outubro de 1891

NUM. 1

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

Um anno. . . . .	5\$000
Um semestre . . . . .	3\$000
Um mez. . . . .	500

Fóra do Estado não se accitam assignaturas por menos de seis mezes.

Pagamento adiantado.

ESCRITORIO DA REDACÇÃO  
RUA DO SAMPAIO N. 9

## TENTAMEN

Fortaleza, 20 de Outubro de 1891

Peregrinos audazes no caminho da Imprensa—vimos tambem erguer nossa humilde tenda á margem d'essa estrada longa e cheia de diques que vae ter ao templo sublime e colossal do Progresso.

Fervorosos adeptos da religião fundada por Guttenberg—a imprensa,—como os pobres pastores que levavam outr'ora presentes ao menino nazareno que mais tarde devia ser um sabio,—fundador da religião do Calvario;—nós, arrimados ao bastão de viajante, emprehendemos, de agora, ir tambem appresentar nossa pequena offerta á deusa sublime que teve sua séde na Allemanha que no dizer de

*Barbosa de Freitas*

..... as trevas do futuro  
... a clarear; o seu brilho seguro  
... da Rasão.

O nosso tentamen é de alguma sorte es-

pinhoso mas estamos certos que a nossa lide será recompensada.

As portas do templo do Progresso não se fecharão ante nós.

Ahi não precisaremos como Goethe pedir—*deixem entrar a luz* Não; porque o templo é illuminado pelos traços da pena, pelos relampagos da palavra e pelo vulto majestoso da deusa de Guttenberg que tem

« Por vestimenta a nuvem d'alvorada

« É traz em punho o sol. »

Assim, confiados na protecção que nos dispensará o povo amante das letras, nós iremos esperançosos a caminho em busca do Porvir cujo templo para lá nos attrahe ao baladar do sino do campanario, erigido além para abrigar, como os oasis no deserto, os lassos romeiros do Progresso.

O caminho é longo mas teremos—perseverança.

## NA PRAIA

(S' NIQUINHA)

Caminhava eu solitariamente n'uma tarde, á hora crepuscular, pelas praias de um arrabalde, que distava alguns kilometros da cidade.

O sól do estio, quasi escondido no occaso, ainda illuminava os cumes dos casebres e na areia onde meia duzia de rachiticas arvores balanceavam lentamente suas chorosas ramagens, estendiam se as sombras de suas folhas.

Ventava brandamente e de quando em quando apparecia uma aragem fresca, agradavel e alegre.

Proximo de uma cabana mais solitaria das outras, na praia, encontrei uma loura criança, ainda muito moça—quando muito quinze annos—e tão linda, apesar de muito pallida e magra, com os louros e ondeados cabellos esparsos no ar, com os vivos olhos banhados de lagrimas, escrevia ua humida areia, com uma varinha, um nome.

Emquanto eu fitava-a, ella continuava a escrever em outro lugar, ora rindo-se, ora séria e sempre com os brilhantes olhos molhados de lagrimas.

—Que estás ahí, loura criança, tão tristonha e só, a escrever nesta areia tão humida?

—Ah! escrevo o nome de Jorge, o meu noivo, que jurou-me amizade, que com a fronte no meu collo jurou fazer-me feliz. Sempre a esta hora elle passava aqui, então tudo que queria dizer-lhe escrevia nella areia, cumplice de meu amor, e elle lia ao passar, mas desde uma tarde tristonha que elle passou por aqui, nunca mais, nunca, voltou á esta praia.

Oh! que saudades me suffocam o coração! Escrevo o seu nome para ao menos essas vagas, unicas testemunhas de nossos encontros, dizerem que jamais lhe esqueci!

Dizendo isto desmanchou-se em prantos, ajoelhando-se beijou o nome escripto na areia humida!

ELIAS AUGUSTO CINTRA.

## O RETIRANTE

Do berço expulso pela secca atroz,  
Deploravel, faminto e maltrapilho,  
Sem abrigo, a vogar em seu exilio,  
Ninguem lhe escuta a supplicante voz.

Na penuria tristissima e feroz  
*Elle*, tão pobre quanto honrado filho,  
Oppresso pela fome segue o trilho  
Da deshonra paterna logo após.

A esposa pelo ouro é seduzida.  
A innocente filhinha então vendida  
Aos infames *abutres da virtude*...

E *elle*, que tinha a honra por doce!  
Vê seu lar transformado em vii bordel;  
—Tal é do *Retirante* a sorte rude.

1889.

MAYA CONDE.

## EXERCITOS PERMANENTES

O meu intelligente collega Ayres de Miranda, em bem elaborado artigo, discutiu no primeiro n.º do *Silva Jardim* esta tão importante questão, que desde algum tempo tem preocupado seriamente (?) os espiritos mais cultos do velho mundo, e não tem deixado em paz alguns cerebros dos mais possantes do mundo de Colombo.

Pedindo venia ao illustre moço, passo a dar tambem a respeito a minha humilde opinião.

Partidario, como Ayres de Miranda, do grande Zola não posso conceber como foi que homens tão illustrados como os que têm tomado a peito esta questão, tiveram a fraquesa de sonhar a possibilidade de um desarmamento universal. Qual seria a Franga que acreditasse na sinceridade germanica? Qual a Turquia que, esquecendo-se do monstro slavo, se abandonasse ás delicias dos harens?

Ainda está no coração de todos os francezes a sede da vingança da affronta negra de que foram elles victimas na pessoa de seu idolatrado 1.º consul e imperador.

Eles têm ainda sêde de vingar essa traição vil e indigna que lhe armaram e não podem esquecer-se da vingança que juraram tomar de Sedan.

Não, querer o desarmamento universal é ser utopista, é querer uma cousa mais do que impossivel, até inimaginavel para aquelles que cuidam seriamente dos interesses de sua patria, do progresso da humanidade.

Os que tal querem ou fingem querer, quando conceberam essa idéa, esqueceram-se absolutamente da Inglaterra e da Russia.

Dizem elles que, em lugar dos milhões de milhões de braços que a guerra (consequencia talvez immediata dos exercitos permanentes (?)) rouba á lavoura, á industria e ás artes, virá um tribunal internacional de arbitramento.

Mas, aí d'aquelle que tivesse de ser julgado pelo perfido leão britanico! Infeliz d'aquelle que tivesse de julgal-o! As *lourinhas* ganhariam então a centuplo da importancia de que hoje gozam, a corrupção hastearia triumphante o seu negro estandarte no primeiro degrau d'esse tribunal e d'ahi seria difficil arrancal-o.

A parcialidade occuparia igualmente logar eminente ao lado de sua irman.

Ha pouco um organ da imprensa fran-

ceza publicou o resultado da entrevista de um dos seus *reporters* com o grande auctor do *Bête humaine*. A opinião do illustre francez é que a guerra é *necessaria* e util ao progredir da humanidade, d'esta humanidade fraca e interesseira. Zola não é versado na arte da guerra (militarmente falando), dirão seus injustos adversarios; por isto sua opinião não deve prevalecer, Blasphemia inaudita esta, que só achará echo nos cerebros enfermos. Si Zola não conhece a guerra sob o ponto de vista material, conhece-a muito bem sob o ponto de vista moral. Pelo effeito pode perfeitamente ser conhecida a causa.

E', pois, de todo ponto digna de toda consideração a sabia opinião do distincto francez, que tanto honra a sua gloriosa patria.

Elle conclue dizendo: « *Estou convicto de que o desarmamento universal arrastaria o mundo inteiro a uma sorte de decadencia moral.* »

E' que o illustre patricio do exilado de Jersey conhece o principio que sabiamente diz: « *Si vis pacem para bellum,* » isto é, quem quizer viver em paz prepare-se para a guerra.

Abaixo, pois, os utopistas e um apertado amplexo ao collega Miranda pelo seu brilhante artigo.

Em 19—10—91.

S. M.

(Continúa)

## A VIOLINISTA

A \*\*\*

A tarde esmorecia em uma languidez deliciosa e os derradeiros reflexos do sol empalledeciam pouco a pouco no occaso como a luz das estrellas quando surgem no levante os primeiros alvoses matutinos...

Tão pallida e tão franzina!

Aquelle olhar terno e melancolico traduzia todos os soffrimentos que lhe iam pela alma...

Na occasião em que cheguei, ella tocava.

Era uma symphonia inexplicavel, um ciciar indefinivel que produzia uma sensação agradabilissima, um vôo d'alma ás regiões do passado. O arco tremia-lhe na mão. Os sons cada vez mais fracos extinguiam-se em um *morrendo* incantador. Um movimento extranho impellio a mão com força. As cordas estalaram a um tempo e ella vacillou prestes a cair...

Tomei-a nos braços e inclinande a cabeça em meu hombro fitou-me com um olhar persistente.. deixára de existir.

A tarde esmorecia<sup>\*\*</sup> em uma languidez deliciosa e os derradeiros reflexos do sol empalledeciam pouco a pouco no occaso como a luz das estrellas quando surgem no levante os primeiros alvoses matutinos...

M. CARVALHO.

## MEU DESEJO

No relicario puro

Dos meus sonhos conservo a tua imagem,  
A tua imagem candida e sentida...

E o meu viver escuro

Se illumina na rapida passagem  
Dessa luz que me mata e me dá vida.

A's vezes mesmo penso

Me transportar aos ceus nas brancas azas  
De um archanjo de luz risonho e lindo ..

E num leito de brumas e de gazes

Pelo infinito páramo suspenso

Adormecer sorrindo.

Outras vezes n'ardente phantazia

Me transporto ao paiz das esperanças,

Da luz e do ideal,

Onde se vive n'uma eterna orgia

De suspiros e risos de creanças,

Longe do desespero universal.

Julgo tambem, querida,

Andar vagando num batel de espumas

Agoitado da briga enternecida

Num mar de luz nevado;

Sentindo alem sorrir por entre as brumas

O porto das venturas desejado.

E depois dessa intermina viagem

Meu pensamento volta suspirando

E submisso perante a tua imagem

Se ajoelha constricto e soluçando.

Porque na vida o meu desejo eterno

Não é vagar perdido pelo espaço,

Como uma pomba errante e foragida;

E sim, morrer n'uma manhã de inverno

Tendo a fronte deitada em teu regaço

No véo dos teus cabel'os envolvida!

10—10—91.

THEMISTOCLES MACHADO.

## Crescei e multiplicai-vos

Pensei, um dia, desfechar os sonhos  
Dessa existência triste e funerària  
Matando amores lepidos, risonhos.

—Em matta solitaria

Eu deixarei meu coração—; assim  
Prazer, delicia, e encanto gosaria  
E o mundo então seria  
Banquete alegre, singular, sem fim...

Quebrei uma por uma as illusões,  
Descri d'esse viver que não é mais  
Que frias podridões,  
Que podres lamaçães...

Aggra, sim, eu disse; hei de matar  
Tudo o que de crença  
De outrora o tempo limpido lembrar...  
Era fatal sentença:  
Erguer de chofre a minha propria mão  
E rindo e elegre, nem siquer tremendo,  
Assassinar meu pobre coração...

Que me fez elle para assim lançal-o  
A tumulo silente?  
Mas ama... e crê! Bem posso esmigalhal-o,  
Vel-o morrendo aos poucos tristemente,  
E em mudas solidões abandonal-o.

Ouvi no mesmo instante  
Falar-me em voz dorida o coração  
Que murmurava triste e soluçante:  
«Se ergues tua mão,  
Ah! que não seja para mim... Bem vês  
Que a culpa é d'essa a quem eu beijo os pés.»

«D'ella tambem não! A formosura  
(Disse uma estrella) sob castos véus  
E' simples feitura,  
E' criação d'um Deus.»

«E o Creador (disse eu) que me revella,  
Bem como o coração, bem como a estrella?»

—  
Turvou-se a noute; passa a ventania;  
Os astros eram como grandes laivos  
E essa mudez profunda parecia  
Dizer-me, oh céus, que o Padre Eterno ria,  
Balbuciando tremulo de ironia:  
«Crescei, multiplicai-vos!»

CUNHA MENDES.

## OS ULTIMOS ANTHROPOPHAGOS

(TRAD. DE JAQUES LEOTARD)

Nas primeiras edades da humanidade, quando nossos antepassados viviam em sombrias cavernas no fundo das florestas, o canibalismo foi provavelmente a consequencia das difficuldades da lucta pela vida.

Desde estas epochas longiquas um certo numero de povo que permaneceram no estado selvagem têm conservado a horrivel pratica de anthropophagia, alguns por necessidade quando faltam viveres, a maior parte, por superstição. São em geral prisioneiros de guerra, as victimas sacrificadas por estes povos barbaros, apoz os combates a que não cessam de entregar-se.

Apezar do contacto das tribus canibaeas com os exploradores e missionarios, que, arriscando sua vida, se esforçam ás vezes com algum resultado, para que elles renunciem a um habito tão repugnante e tão ante-natural, existem ainda muitos paizes atrazados onde os indigenas têm um gosto pronunciado pela carne humana. Na America as raras tribus Peaux-Rouges e de Pieds-Noirs que, recuando diante da civilisação que leva a onda dos invasores europeus, estão espalhados no Canadá septentrional, entregam-se mui frequentemente a actos de canibalismo. Na Guyana e na bacia do Orenoco, encontram-se Caribias anthropophagos da mesma raça que aquelles que povoaram as Antilhas quando foram descobertas por Christovão Colombo; é do nome indigena d'este povo, Calibis ou Canibis, que os antigos viajantes formaram a palavra *canibal*, pela qual são hoje designados todos os selvagens que alimentam-se de carne humana.

No alto Amazonas e entre este rio gigante, a Bolivia e o Paraguay, os Tupis-Guaranyes são tambem anthropophagos.

Na Oceania, os ultimos canibaeas são os Papuas da Nova-Guiné, das ilhas Salomão, do archipelago da Nova-Bretanha e das Novas-Hebridas, os Canaques da Nova-Caledonia, os Fidjiens, os Australianos do Norte e do Centro, os Batables de Sumatra. Os naturaes das Novas-Hebridas offerecem um caracter particular de ferocidade.

A Africa é a verdadeira terra dos anthropophagos. As numerosas populações que habitam o centro do continente negro, na immensa região que forma a bacia do Congo, principalmente entre este grande

rio e o Sudan, são justamente reputados canibae: com effeito, os Niams-Niams e os Mombouttons são os mais ferozes comedores de homens, assim como os Fans ou Pahouins do Gabon e do Ogôoué. São também assim os negres Bantous do alto Zambeze e da Angola interior.

Parece natural que os selvagens que dão-se á anthropophagia seja em todos os pontos os mais inferiores da raça humana. Entretanto, não succede assim, pois que a maior parte dos povos canibae possuem uma certa civilização relativamente a muitas tribus barbaras cujos membros não têm o repugnante costume de devorar sens semelhantes.

Para maior vergonha dos anthropophagos, é preciso confessar que é geralmente por gosto que alimentam-se da carne humana quando os paizes que quasi todos habitam produzem com abundancia viveres mui variados. Para os canibae, esta carne constitue pois, por causa de seu gosto particular, um alimento muito procurado, que é alem d'isto considerado como uma ultima satisfação, uma vingança suprema do vencedor sobre o vencido, e como um meio de adquirir as qualidades d'aquelle de seus inimigos que é devorado. Em uma palavra é para elles o alimento nobre por excellencia; os Polynesianos prohibem ás suas mulheres o uso d'elle.

No norte da Australia, os indios comem, parece, aquelles d'entre elles que morrem de morte natural, afim de incorporar a si a força e a intelligencia dos defuntos. Emquanto os Peaux-Rouges americanos devoram somente os guerreiros feitos prisioneiros nos combates suscitados por questões entre tribus, os Niams-Niams e seus visinhos, fazem a guerra para prover-se de carne humana. Entre os naturaes do alto Ogôoué e do Oubanghi a principal carne é a dos numerosos inimigos reduzidos á escravidão durante suas continuas guerras. Os Papuas estão entre os anthropophagos os mais incorrigiveis; nas Novas-Hebridas têm recentemente comido muitos europeus, cuja carne é particularmente apreciada pelos canibae.

Mas a expansão da raça branca que invade de anno em anno gradualmente a superficie do globo terrestre, está destinada a fazer desaparecer os povos selvagens em mais breve tempo; o contacto dos viajantes civilizados faz felizmente com que certas tribus percam pouco a pouco seus crueis habitos de canibalismo.

L. V.

## LEMBRAS-TE ?

Que noite aquella! Vagarosa a lua  
Corria pelos céos placidamente  
Como em mar bonançoso uma falua  
Singrando o azul das aguas indolente.

Limpidas nuvens pelos céos á fora  
O seu manto nevado desdobrando,  
Lembravam-me chimeras de uma hora  
Que de amor vem noss'alma povoando.

Myriades de estrellas na amplidão  
Cerulea do infinito a palpar  
Fulgiam como passaros que em vão  
Para a terra alongassem seu olhar.

E a lua, como imagem vaporosa,  
Entre as nuvens seu disco mergulhando  
Mostrava além a face luminosa  
Mansamente a surgir de vez em quando.

Não te lembras, querida! Pois bem, crê:  
Como a lua vogando pelos céos  
Entre nuvens, minh'alma anda a mercê  
Do meu doce idéal, dos sonhos meus....

O céu dos meus amores tem mais luz,  
Mais poesia que o vasto firmamento,  
Pois brilha mais que os astros o teu lento  
E doce olhar que a mim tanto seduz.

Não te lembras, talvez!... Quanta saudade!  
Entre nuvens a lua argentea e calma  
Occultava-se. Assim, minha deidade,  
A minh'alma se occulta na tua alma...

MAYA CONDE.

## Um pouco de metaphysica

Existem transformações psychologicas que em sua transição determinam no organismo humano uma mudança radical.

Essas transformações, umas vezes operam rapidamente, outras vezes, porém, obedecendo a uma certa gradação ou concatenação em suas formas variadas e multiplicas chegam ao fim á que abordaram as primeiras, por successivas transformações ideologicas e organicas.

Existe também um meio termo nessa evolução psychologica.

Esse meio termo que participa da primeira das transformações expostas em seu caminhar vertiginoso, e da segunda, em seu evoluir methodico é considerado um

dos mais raros por causa da confusão que muitas vezes opera-se em resultado de uma inclinação insensível para um dos dous lados; entretanto, em certos casos se mostra de um modo tão distincto que é impossível confundil-o.

Uma dessas transições psychologicas (a segunda) começou a estabelecer o seu centro de operações ha alguns dias em meu coração; ha pouco tempo, porém, soffreu um choque dynamico tal que a obrigou a transformar-se na primeira, produzindo assim immediatamente a mudança radical que ia operando de um modo gradativo. Está pois, parece-me, fóra de duvida, que o meu organismo foi influenciado pelo termo medio.

O começo dessa mudança psychologica, isto é, o seu primeiro estabelecimento, foi determinado por um olhar brilhante e fugace como os meteoros que por vezes atravessam as differentes camadas atmosphericas que circumdam o nosso—atomo—dos corpos celestes. O segundo (a determinação completa do termo medio) teve uma causa mais directa: foi occasionado pela pressão um pouco pronunciada de uma mãozinha delicada e macia de encontro a uma outra grosseira e callosa. Assim deu-se essa transformação radical em todo o meu ser. Vago n'um cahos de incertezas quanto ao resultado final d'esta transformação, e por isso pergunto aos

..... *Sabios da escriptura*  
Que segredos são esses da natura?!...

CAÉTÉARA.

## SUPPLICA

A' \*\*\*

E' uma supplica que fazer-te venho :  
Se accederes, subirei altivo  
Aos páramos azues, onde mais vivo  
Do que nunca talvez julgado tenho

Serei contigo a decantar em fortes,  
Celicis trovas á divinal candura  
De tua alma gentil, tua alma pura,  
Mas, n'uma morte só me dás mil mortes

Se ao meu pedido não accedes, q'rida,  
Não me mates, pois; dissipa os meus receios.  
Vê que é meu anhelos, é minha vida :

Sentir do goso os sensuaes anceios,  
Reclinando a cabeça adormecida  
Na voluptuosa onda de teus seios.

A. FREITAS.

## SERENATA

Formosa Deusa, desperta,  
deixa o macio colchão  
e da tua janella aberta  
vem ouvir minha canção ;  
formosa Deusa, desperta,  
vem ouvir minha canção.

Deixa os braços de Morpheeo  
e vem ouvir teu poeta  
cantar igual á Romeu  
no balcão de Julieta.  
Deixa os braços de Morpheeo  
e vem ouvir teu poeta.

Vem ouvir : a noite é bella  
como as noites de Sevilha,  
e, ao pé da tua janella,  
geme a minha guitarrilha...  
Vem ouvir : a noite é bella  
como as noites de Sevilha.

A rua triste e deserta  
já, ha muito, adormecida ;  
nenhuma janella aberta  
não nos pode ver, querida ;  
a rua triste e deserta  
já, ha muito, adormecida...

Ao longe, raivoso estua  
o mar, cheio de altivez,  
vendo em sua amante—a lua—  
uma estranha pallidez...  
Ao longe, raivoso estua  
o mar, cheio de altivez.

Assim, tambem, minha amada,  
eu sinto um louco desejo  
de ver-te a face corada  
pelo rubor do teu pejo...  
Assim, tambem, minha amada,  
eu sinto um louco desejo...

13—10—91.

S. B.

## O COLIBRY

(A' ROSETA)

I

Esvoaçando nos ares, nas arvores saltitando de galho em galho vai, o rutiloso colibry, a soltar um pipillo instantaneamente, que parece dizer: «Uma flor! uma flor! para minha vida, seu odor para libar» cheio de melifluidade sublime, quasi exangue e vacilante...

## II

Nem uma flor, porém, escuta a sua voz contristada.... As flores circumdam os louros e negros cabellos das virgens, que foram com as suas mãos formosas, decepar do hastil airoso, na effervescencia do jardim... E esvoaçando nos ares, vai o rutiloso colibry, rufando as azas brilhantes nas lucillações do Sol, a cata de uma flor para libar o pollen divino que lhe dá a vida.

## III

Assim, somos nós... Vamos com o coração cheios do amor inquebrantavel, supplicar o aroma destas flores tão bellas, tão castas, mas que nos escondem o odor, corações que nos matam sem um só gemido, sem sentirem o odor espicagar-se-lhe a alma ante a supplica do homem pusilanime com os olhos cheios de prantos, com o coração cheio de amor.....

C. VICTOR.

19—9—91

## ALTAR DE AMOR!

Eu vejo-a sempre triste a caminhar,  
Tão pensativa, meiga a vagueiar  
Por este mundo impuro!  
Nos ternos olhos onde larga o pranto,  
Nos doces labios onde solta o canto  
Diz ter um'alma pura!

—Para onde vás em dôr tão mergulhada  
Aos hombros de madeixa desatada,  
Onde vás tão triste assim?  
Perdeste por acaso a esperanza  
De teus dourados sonhos de criança,  
Desse teu viver sem fim?

Não és tú como as meigas, doces flôres  
Que vivem tão sómente dos amôres  
Do colibri gentil!  
Porque não trocas teu viver tristonho  
Pelo sorriso ameno, tão risonho  
Da vida infantil?

—Si estás de teus amôres já descrente,  
Em mim encontrarás um peito ingente  
Para sempre te amar!  
Iremos pois onde haja risos, flores  
Ahi serás o meu altar de amores  
Que sempre hei de adorar!

A. CINTRA.

## A CIRCULAÇÃO DO OCEANO

(TRAD. DE ARTHUR MANGIN)

Os principaes agentes da circulação do Oceano são tres:

O primeiro e o mais manifesto, é o calor, a irradiação solar.

O segundo, não menos importante é o sol.

O terceiro, é a animalidade, «o infinito vivo do mar», diz M. Michelet; são os infusorios. Expliquemos summariamente a acção de cada um d'estes agentes.

Mas antes é bom notar que todos os movimentos do Oceano, excepto aquelles que são occasionados pelas convulsões que determinam a elevação ou a depressão da superficie terrestre, não affectam jamais senão suas camadas superiores. As camadas inferiores formam sobre o leito solido uma especie de segundo leito, que sua densidade, devida á enorme pressão que elle soffre e que póde ser avaliada em muitas centenas de atmospheras, mantem em uma immobilidade completa. «Tudo concorre, diz M. Julien, para demonstrar a existencia de uma calma absoluta e de um verdadeiro colchão interposto entre o fundo dos altos mares, e as regiões agitadas onde se cruzam e dividem-se as correntes e as contra-correntes.» Isto estabelecido, voltemos ao nosso assumpto.

O calorico é uma das causas que produzem as correntes oceanicas e que explicam sua permanencia e sua regularidade. Com effeito, as desigualdades de temperatura que existem nas differentes regiões do globo, e que, dilatando e contrahindo seu envolvero gazoso, determinam as grandes correntes atmosphericas, não podem deixar de exercer uma acção analoga sobre a massa das aguas. As aguas, assim como os gazes, dilatam-se pelo calor, contrahem-se pelo frio, tomam, em uma palavra, differentes graus de densidade que perturbam o equilibrio do Oceano e dão origem a diversos movimentos tendentes todos a restabelecel-o, sem jamais conseguirem. Justando-se isso á evaporação, quasi nulla nas regiões frias, enormes nos logares quentes, comprehender-se ha que só as leis da gravidade tornam inevitavel a permutação continua das aguas tepidas da zona tropical e das aguas frias das zonas polares. E' pois a intervenção dos raios solares, á sua poderosa influencia, que é

preciso attribuir a origem das correntes e das contra-correntes que constituem o aparelho circulatorio do Oceano. Mas esta acção não torna-se verdadeiramente efficaç senão com a presença de certos agentes, como os saes e os innumeraveis animalculos dos quaes o mar está cheio.

Maury vê nos saes uma das forças que presidem a formação das correntes regulares que transportam e misturam as aguas das differentes partes do Oceano, e a demonstração d'este facto é uma resposta peremptoria á questão tantas vezes levantada: Porque o mar é salgado? A salugem dos mares tem sido considerada desde muito tempo como um capricho da natureza. Sabe-se hoje que ella tem, assim como todos os outros phenomenos, sua razão de ser, seu papel na ordem geral do mundo, na physiologia terrestre. A circulação do Oceano é indispensavel á distribuição das temperaturas, á conservação das condições metereologicas e climatericas que dirigem em nosso planeta o desenvolvimento da vida; e esta circulação não teria logar ou antes mudaria completamente de character se as aguas do Oceano fossem doces em logar de ser salgadas. « Supponhamos, diz a este respeito M. Julien, que o mar, inteiramente composto de aguas doces, acha-se um momento em uma temperatura uniforme no polo e no equador, na superficie e nas camadas as mais profundas. O calor penetrará as camadas liquidas mais visinhas do equador, as dilatará, as elevará do seu nivel primitivo, e somente pelo effeito do peso as fará deslizar á superficie para as zonas polares, que pela ausencia de toda irradição solar tenderão, ao contrario, a resfriar e a contrahir-se sem cessar mais. Uma permutação se estabelecerá pois das extremidades para o centro, ou para melhor dizer, uma contra corrente de aguas frias e pesadas, destinada a substituir as perdas occasionadas pela acção dos raios solares, descerá dos polos, mantendo-se immediatamente abaixo da corrente quente e leve que chega do equador. Em igual systema de circulação geral, a propriedade physica que possui a agua pura de attingir seu maximo de densidade a quatro graus acima do zero produziria as mais singulares consequencias.

Que se eleve, com effeito, ou que se abaixe a temperatura além d'este ponto, a agua torna-se sempre mais leve e tende nos dois casos a subir ás camadas superiores.» Além d'isto a corrente equatorial, encon-

trando no polo aguas frias se resfriaria tambem.

E quando essa temperatura attingisse quatro graus acima de zero, tornando-se mais pesada que a corrente polar, deveria deixar esta elevar-se á superficie e ella mesmo descer ás camadas inferiores.

A corrente polar, de seu lado, continuando a descer para o equador, iria aquecendo-se gradualmente até á mesma temperatura de quatro graus, ou, ficando mais pesada, tornaria a descer emquanto a corrente equatorial subiria de novo.

Não succede assim no mar salgado. Não é senão a dois graus abaixo de zero que a agua d'este mar attinge seu maximo de peso especifico. Evaporando-se á superficie, concentra-se e precipita-se; emquanto as camadas inferiores vêm a substituir-se para modificar-se por sua vez e precipitar-se do mesmo modo.

«Assim se estabelece este continuo movimento ascendente e descendente que leva ás profundezas do mar a massa d'agua aquecida na superficie pelo sol da zona torrida. Esta dupla corrente vertical facilita e prepara a formação da grande corrente horizontal, que põe em communicação estes reservatorios submarinos de calor com as camadas inferiores do mar glacial.»

Na bacia arctica as nuvens, o derretimento das neves e os grandes rios, cujas embocaduras acham-se situados ao norte dos dois continentes, espalham uma quantidade consideravel de agua doce que, misturando-se como as ondas do mar polar, formam uma camada de densidade media, bastante leve para manter-se á superficie e escoar-se para o Oceano Atlantico. Estes movimentos de superficie determinam na região inferior movimentos contrarios. D'ahi origina-se esta poderosa contra corrente submarina que passa pelo estreito do mar de Baffin, e vae perder-se no Oceano Arctico.

Os saes do Oceano, têm na economia geral do globo uma outra funcção, mais importante ainda do que a que acaba de ser indicada: moderam e regulam a evaporação das aguas marinhas, e por consequente sua condensação no estado de nuvens, de chuva, de neve, etc.

L. V.

(Continúa)

---

Impresso na typographia do  
*Libertador.*